

INTRODUÇÃO

O título desse texto é uma paráfrase do título do artigo do educador Miguel Arroyo, *PEDAGOGIAS EM MOVIMENTO – o que temos a aprender dos Movimentos Sociais?*, publicado em 2003, fruto de suas pesquisas, mas, especialmente, de sua aproximação e atuação junto aos movimentos sociais. Da mesma forma, escrevo esse texto a partir de minha participação nas ocupações estudantis universitárias de 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), assim como de minhas escolhas de pesquisa, desde a graduação, e atualmente no mestrado. O movimento do pensamento de Arroyo (2003) foge das tentativas de teorização das práticas educativas dos movimentos sociais e populares, e busca apontar as potências das práticas populares para a construção de uma educação que compreenda os sujeitos em sua humanidade, e, obviamente, com suas marcas de desumanização.

Postura teórico-epistemológica que tomo para a construção de meu trabalho, ainda em desenvolvimento, do qual apresento nessa resumo expandido, algumas potências e impactos das ocupações estudantis para a construção de pedagogias outras, a fim de alargar o horizonte da prática educativa. Trata-se de um texto que alinha os resultados de minha pesquisa de conclusão de curso (MOREIRA, 2019), realizada a partir de relatos de estudantes que ocuparam a Universidade em 2016, com as reflexões teóricas iniciais de minha pesquisa de mestrado, acerca dos impactos das ocupações estudantis na formação docente.

DESENVOLVIMENTO

Renata Lima Aspis (2017), aponta, a partir da filosofia de Gilles Deleuze, o processo de Ocupação enquanto um acontecimento, e, portanto, uma linha de fuga dentro dos circuitos educacionais hegemônicos, uma pedagogia outra, criada no cotidiano das instituições de educação ocupadas. Ocupar diz da prática de reafirmação do corpo enquanto espaço político, e portanto, da necessidade de fazer-se presente, para reivindicar o território. É, portanto, filosófico, político e geográfico. Entretanto, existe uma especificidade das *Ocupações Estudantis*, sua qualidade pedagógica, tanto, do ponto de vista da educação popular, quanto da educação formal escolar. As ocupações estudantis foram espaços de reconstrução da luta do movimento estudantil e de criação de outras práticas educativas e organização das Instituições de Educação.

Práticas feitas no *coletivo* e, portanto, na construção de espaços de escuta às diferentes vozes presentes, criam espaços e tempos de trocas e colocam em xeque as relações assimétricas,

através de seu questionamento. Espaços de coletividade são propícios para a invenção de uma democracia viva no cotidiano e de uma prática política orientada pelo respeito, pela compreensão das diferenças, pela supressão das desigualdades e pelo conflito, assim como pelos meios coerentes para sua solução.

A necessidade de pensar o coletivo, ou, até mesmo, pensar-se enquanto coletivo, se eleva num contexto político, econômico e social marcado por uma globalização excludente, que desumaniza e deforma homens e mulheres, aprofundando as desigualdades (SANTOS, 2011; ARROYO, 2003), e pela supervalorização da individualidade e da competitividade, que destitui os sujeitos da possibilidade de criação de solidariedades de classe. A Educação se insere nesse processo, atacada por políticas que valorizam a conquista de competências e habilidades, ao invés de reconhecer a necessidade da formação humana. Além disso, presenciamos a precarização do trabalho docente, a partir da racionalidade do mercado, marcada pela competitividade e individualização das responsabilidades.

As Ocupações foram marcadas pela realização frequente de assembleias deliberativas. As assembleias tornavam-se grandes mesas de partilha, discussão e conflitos. Na partilha da mesa se fundam lugares. Lugares como este são espaços do acontecer solidário, como aponta o geógrafo baiano Milton Santos (2005), onde a voz é direito a todos e a democracia é alimento que não cessa. Nessa costura entre as diferentes identidades, emerge a força do povo, vontades e desejos originais, plenos de emoção e subjetividade. São lugares edificados pelos sujeitos, e, dessa forma, vivos deles, repletos de suas vontades os desejos. Lugares que edificam os sujeitos, sendo, pois, adensamentos de cultura e espontaneidade. Lugares cheios das novidades, pois são inventados nos diálogos, nas experiências, nas conversas, nas vidas pulsantes, que criam, que multam. O exercício da democracia torna-se a valoração dos saberes e dos corpos políticos, o respeito, o afloramento da união e a construção de novas esperanças e utopias.

Olhar para esse movimento social, as Ocupações Estudantis, fundado nos territórios das escolas e instituições de educação, é compreender uma educação que, conforme aponta Arroyo, “não se dá uma reprodução de autorepresentações tradicionais, conformistas, fechadas, mas ao contrário há uma abertura para fora a partir de necessidades, de valores e experiências de luta, coladas a sua tradição e identidade, a sua memória coletiva” (ARROYO, 2003, p. 39). É um movimento que nos aponta a urgência de pensar a educação junto aos

saberes de mundo dos sujeitos, especialmente, aqueles voltadas para a construção de uma educação emancipadora e socialmente justa.

Os movimentos geram um saber e um saber-se para fora. Um ser que alarga seu saber local e se amplia. Os sujeitos que participam nesses movimentos vão sendo munidos de interpretações e de referenciais para entender o mundo fora, para se entender como coletivo nessa “globalidade”. São munidos de saberes, valores, estratégias de como enfrentá-lo. (ARROYO, 2003, p. 39)

O processo de ocupação engendra uma dinâmica de *autogestão*, colocando os estudantes como sujeitos centrais na organização e coordenação do ambiente escolar (institutos e faculdades) e das rotinas de ensino, de administração e de produção científica. Dessa forma, rompe-se a tradicional dinâmica estudantil em seus espaços de ensino, na maioria das vezes limitada à sala de aula - em uma relação, por vezes, passiva no processo de construção do conhecimento - ou dentro dos coletivos e com uma participação burocrática nos órgãos administrativos e de colegiado. O desenvolvimento da autonomia se dá sem atravessamentos. Não que não seja importante a presença de outros sujeitos dentro da formação do estudante, contudo, professores tornam-se, muitas vezes, obstáculos para o estabelecimento de um diálogo entre os estudantes e o pensamento, impedindo uma formação de caráter democrático (CHAUI, 2018, p. 106).

Os diferentes espaços onde se constituíam as ações dos estudantes durante as ocupações ampliam os lugares da educação para além da sala de aula, seja na ocupação do prédio escolar, entendendo todo o ambiente como educativo, seja nas saídas para as ruas na participação de assembleias, protestos e “aulões”. Tal processo contribui, também, para a tomada de consciência das instituições de ensino enquanto inseridas no contexto social, com sujeitos que carregam demandas outras, para além das estabelecidas pela instituição, marcada por linhas de desigualdade, e não como um bloco monolítico a parte da complexidade do mundo. Radicalização do espaço da educação/escola. Passa pelo processo de compreensão desses fenômenos/lugares/instituições enquanto inseridas no corpo social. Por consequência, é a total extensão desses espaços, desde a abertura à saída. A inserção da educação/escola nos circuitos de lutas sociais, e, dessa forma, na leitura e construção das linhas de desigualdade que constituem a sociedade.

CONCLUSÃO

As Ocupações Estudantis foram espaços férteis de reconstrução do movimento estudantil, possibilitando a invenção de práticas educativas orientadas pelo coletivo, diversidade, democracia, prática política e autonomia dos sujeitos ocupantes. Dessa forma, são potências para (re)pensar a Educação, especialmente em tempos de avanço de políticas que intensificam as desigualdades, limitam os espaços de discussão e crítica, reforçam valores da racionalidade neoliberal e cerceiam a possibilidade de uma educação para a justiça social e para a emancipação.

REFERÊNCIAS

ASPIS, Renata Lima. Minorias e territórios: ocupações. *ETD- Educação Temática Digital* Campinas, SP v.19 n.esp. p. 63-74 jan./mar. 2017

ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento, O que temos a aprender dos movimentos sociais. *Currículo sem Fronteiras*, v.3, n.1, pp. 28-49, Jan/Jun 2003

CHAUÍ, Marilena. *Em defesa da educação pública, gratuita e democrática*. org Homero Santiago. 1. e d. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018.

MOREIRA, Matheus Rodrigues. *UFMG em estado de golpe: resistências?* 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Departamento de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.